

Onde você vai chegar

- ✓ Entender os diferentes tipos textuais
- ✓ Reconhecer as características dos tipos textuais e, assim, compreender melhor o objetivo comunicativo de cada um deles
- ✓ Melhorar a escrita em diferentes contextos



Teoria

Narração

A narração, de forma progressiva, expõe as mudanças de estado que acontecem com objetos, cenários e pessoas através do tempo. Dentro desse tipo textual há elementos importantes, como o foco narrativo, o tipo de discurso (direto, indireto ou indireto livre), o enredo, o tempo, o espaço e os personagens.

O foco narrativo

- **Narrador em 1ª pessoa:** narrador-personagem. A narrativa é vista de dentro para fora, de acordo com as perspectivas do personagem, que é caracterizado por meio das relações que tem, da linguagem que usa de suas experiências.
- **Narrador em 3ª pessoa:** narrador-observador. Ele conhece todos os elementos da narrativa, dominando e controlando o modo de pensar dos personagens, além de não se intrometer muito na história. Não há reconhecimento nem revelação de todo o ambiente por parte de quem narra, e isso mantém o mistério até um certo limite ao leitor.

Tipos de discurso

Discurso direto

Dá voz à personagem. Confere mais rapidez e dinamismo à narrativa. Possui enunciado em 1ª ou 2ª pessoa.

Exemplo:

- “- Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.
- Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.
- Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura.”

(“Quincas Borba” de Machado de Assis)

Discurso indireto

A fala do personagem passa a ter a voz do narrador. É ele quem reproduz a fala do personagem. Possui enunciado em 3ª pessoa.

Exemplo: “Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama, e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-la à fraca luz da masmorra, imaginava podiamser onze horas.”

(“Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto)

Discurso indireto livre

Há a mescla das vozes do personagem e do narrador, o que pode ocasionar certa confusão ao leitor.

Exemplo: “O marquês e D. Diogo, sentados no mesmo sofá, um com a sua chazada de inválido, outro com um copo de St. Emilion, a que aspirava o bouquet, falavam também de Gambetta. O marquês gostava de Gambetta: fora o único que durante a guerra mostrara ventos de homem; lá que tivesse «comido» ou que «quisesse comer» como diziam – não sabia nem lhe importava. Mas era teso! E o Sr. Grevy também lhe parecia um cidadão sério, ótimo para chefe de Estado...”

(“Os Maias” de Eça de Queirós)

O enredo

É o conjunto de fatos que se desenrola na história, os acontecimentos, intrigas, encontros. O enredo é a própria narrativa. Em sua estrutura lógica podemos identificar:

- Situação inicial: começo da história e apresentação dos personagens e suas características, espaço e tempo;
- Complicação: ruptura do equilíbrio inicial, surgimento do conflito e encadeamento dos fatos da narrativa;
- Clímax: ponto alto do conflito, resultante do encontro de vários conflitos entre as personagens;
- Desfecho: solução final dos conflitos. Assim como na situação inicial, há novamente um equilíbrio no texto.

O tempo

Responsável pelo ritmo rápido ou lento da narrativa. Podemos ter dois tipos de tempo: o cronológico (passagem normal do tempo) e o psicológico (narrativa reflexiva, por dentro da subjetividade do narrador).

O espaço

O espaço pode ser real ou virtual. O espaço é classificado como real quando está no mundo que nós conhecemos. Podemos pensar também que, por exemplo, o mundo dos elfos é real dentro do contexto em que está inserido, pois os eventos da sua história acontecem nele. O espaço psicológico (ou de fuga) é aquele que modifica a realidade do que é narrado, ou seja, são espaços fora da realidade mais palpável: fantasias, sonhos, imaginação. Observe o conto abaixo:

A velhinha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava na fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da alfândega - tudo malandro velho - começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com moamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com quarenta anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! - insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espáia"? - quis saber a velhinha.

— Juro - respondeu o fiscal.

— É lambreta.

(Stanislaw Ponte Preta. Para gostar de ler, vol. 8. São Paulo, Ed. Ática, 199710)

Descrição

A descrição é um tipo textual que tem por objetivo descrever, ou melhor, fazer um retrato verbal de pessoas, objetos, cenas ou ambientes. Entretanto, é muito difícil encontrar um texto exclusivamente descritivo, e o que ocorre são trechos descritivos no meio de textos narrativos. Para diferenciar os dois tipos de texto, deve-se perceber o caráter estático do texto descritivo, enquanto o narrativo possui uma sequência de episódios.

Nos textos descritivos há predomínio de adjetivos, frases nominais, períodos curtos e verbos de ligação que visam retratar em detalhes um ambiente, um personagem, um objeto etc. Além disso, a visão particular de um personagem também pode ser característica da descrição, que pode ser feita em primeira ou terceira pessoa. Se em primeira pessoa, é evidente que o personagem participa da história; se em terceira pessoa, o narrador descreve.

Observe o **fragmento narrativo** com traços de **descrição**:

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde



Organização do texto

campeava sua

guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.”

(Alencar, José de. *Iracema: lenda do Ceará* - São Paulo: Via Leitura, 2016.)

Texto argumentativo

O texto argumentativo é aquele em que defendemos um ponto de vista com o objetivo de convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Esse convencimento é feito mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas, com base em um raciocínio coerente e consistente.

Para que o leitor seja convencido de uma ideia, ela deve ser construída por meio de evidências. Ela pode ser comprovada por meio de exemplos, ilustrações, dados estatísticos, argumentos de autoridade, entre outros. A evidência é o elemento mais importante da argumentação, pois toda argumentação consiste em uma declaração seguida da prova.

Observe o texto abaixo:

“Até então, nunca tinha acreditado na afirmação sofrer é crescer. Afinal, atingir a maioria sempre significou liberdade, ou seja, fazer tudo o que era proibido na adolescência. Ao pisar fora do território familiar, me deparei com as vantagens e as desvantagens de viver só. Tarefas domésticas como lavar a roupa, passar, fazer supermercado e cozinhar ganharam prioridade. Anos depois, quando fui estudar na Inglaterra, lembro da cena de um garoto de 17 anos, numa lavanderia, colocando duas enormes trouxas de roupa em três máquinas de lavar. Meias, toalhas e panos de prato dividiram a mesma água e o mesmo sabão em pó. O resultado foi catastrófico: peças esverdeadas e a certeza de que manter a roupa limpa, passada e sem manchas não é fácil.

Em diversos países, sair de casa jovem é um rito de passagem natural para a vida adulta. Uma espécie de serviço militar obrigatório para deixar de lado a dependência doméstica e provar que é possível se virar sozinho. Nos Estados Unidos, alguns estudantes preferem morar em alojamentos universitários mesmo quando a casa dos pais está localizada na mesma cidade. Além de ser encarado como uma forma de aproveitar ainda mais os anos da universidade, há uma certa pressão familiar para que os filhos cortem logo o cordão umbilical com os pais.

(...)

No Brasil, as condições econômicas tornam o ato de sair de casa um privilégio. Mas é claro que essa não é a única razão para ver tantos jovens de classe média – muitos deles com mais de 30 anos – protegidos no ninho dos pais. Além das diferenças culturais, há uma certa mentalidade que não estimula a autonomia dos jovens no país. Talvez o traço mais visível dessa mentalidade seja a resistência que os jovens brasileiros têm para aceitar trabalhos considerados “menos nobres”. É incrível como, por aqui, tarefas como trabalhar em fast-foods, servir mesas em restaurantes e carregar malas em hotéis são vistas com menosprezo. Os pais também são culpados disso. Preferem ver os filhos fazendo nada sob suas asas a tê-los exercendo uma atividade “não tão nobre” como primeiro emprego. Em vez de se orgulharem de vê-los batalhando seu espaço no mercado de trabalho, ficam preocupados com o que as outras famílias vão pensar – como se eles não fossem capazes de sustentar sua prole.

É bem provável que esse comportamento típico da classe média brasileira seja uma herança da velha mentalidade da casa grande nas antigas fazendas, quando as famílias abastadas preparavam os seus filhos para se tornarem bacharéis e deixavam para os escravos todas as outras tarefas.”

(Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/ja-para-fora-de-casa/>>.)

Texto injuntivo

O texto injuntivo (ou instrucional) é aquele que explica algo ao leitor para a realização de uma ação. Sua função é instruir para que ele seja capaz de realizar uma atividade. São exemplos desse tipo textual os gêneros: receita médica, receita culinária, bula de remédio, manual de instruções, entre outros. Além disso, uma das características do texto instrucional é a utilização de verbos no modo imperativo para configurar “ordem” sobre o procedimento a ser realizado. Veja o exemplo abaixo:



Texto expositivo

Comumente, o texto expositivo circula muito nas esferas acadêmicas e escolares: seminários, resumos, artigos acadêmicos, congressos, conferências, palestras, colóquios, entrevistas etc. No texto expositivo, o objetivo central do locutor (emissor) é explicar ou expor determinado assunto, a partir de recursos como a conceituação, a definição, a descrição, a comparação, a informação, enumeração. Veja um exemplo abaixo:

Entrevista

- “Clarice Lispector, de onde veio esse Lispector?
- É um nome latino, não é? Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que hágerações e gerações anteriores. Eu suponho que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas e foi formando outra coisa que parece “Lis” e “peito”, em latim. É um nome que quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era completamente desconhecida, é claro) diz assim: “Essa escritora de nomedesagradável, certamente um pseudônimo...”. Não era, era meu nome mesmo.
- Você chegou a conhecer o Sérgio Milliet pessoalmente?
- Nunca. Porque eu publiquei o meu livro e fui embora do Brasil, porque eu me casei com um diplomata brasileiro, de modo que não conheci as pessoas que escreveram sobre mim.

- Clarice, seu pai fazia o que profissionalmente?
- Representações de firmas, coisas assim. Quando ele, na verdade, dava era para coisas do espírito.
- Há alguém na família Lispector que chegou a escrever alguma coisa?
- Eu soube ultimamente, para minha enorme surpresa, que minha mãe escrevia. Não publicava, mas escrevia. Eu tenho uma irmã, Elisa Lispector, que escreve romances. E tenho outra irmã, chamada Tânia Kaufman, que escreve livros técnicos.
- Você chegou a ler as coisas que sua mãe escreveu?
- Não, eu soube há poucos meses. Soube através de uma tia: "Sabe que sua mãe fazia um diário e escrevia poesias?" Eu fiquei boba...
- Nas raras entrevistas que você tem concedido surge, quase que necessariamente, a pergunta de como você começou a escrever e quando?
- Antes de sete anos eu já fabulava, já inventava histórias, por exemplo, inventei uma história que não acabava nunca. Quando comecei a ler comecei a escrever também. Pequenas histórias.

(Trecho da última entrevista com a escritora Clarice Lispector, concedida em 1977, ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura.)

Se liga!

Todos nós já nos deparamos com o gênero textual "tirinha", não é mesmo? Nem que seja em questões de linguagens.

As tirinhas são bastante populares por serem **narrativas** "leves" e, muitas vezes, por produzirem humor. No entanto, existem tirinhas que podem trazer um posicionamento crítico e, por isso, são consideradas **argumentativas**. Quer um exemplo? A nossa menininha questionadora preferida: Mafalda. Veja mais sobre ela clicando [aqui](#).



Disponível em: <https://www.zinecultural.com/blog/melhores-tirinhas-da-mafalda>

Quer aprender mais com a Mafalda?

Que tal dar uma olhada nas tirinhas sobre Política e Cidadania? Clique [aqui](#).

Ah, quer ver também 3 tirinhas da Mafalda que te explicam os conceitos básicos de sintaxe? Clique [aqui](#).

Exercícios

1. “Quem um dia irá dizer que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá
dizerQue não existe razão?
Eduardo abriu os olhos mas não quis se
levantarFicou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade
Como eles disseram
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem
quererE conversaram muito mesmo pra tentar se
conhecer Foi um carinha do cursinho do Eduardo que
disse
– Tem uma festa legal e a gente quer se divertir (...)”.

(Eduardo e Mônica. RUSSO, Renato. In: *Legião Urbana – Dois*. EMI, 1986.)

Sobre o tipo de narrador presente nesse fragmento da música Eduardo e Mônica, é correto afirmar que se trata de um:

- a) Narrador-personagem, pois, além de narrar os fatos, verídicos ou não, faz parte da história contada, sendo assim, personagem dela. Esse tipo de personagem apresenta uma visão limitada dos fatos, já que a narrativa é conduzida sob seu ponto de vista.
- b) Narrador-testemunha, pois é uma das personagens que vivem a história contada, mas não é uma personagem principal.
- c) Narrador-onisciente, pois sabe de tudo o que acontece na narrativa, seus aspectos e o comportamento das personagens, podendo, inclusive, descrever situações simultâneas, embora essas ocorram em lugares diferentes.
- d) Narrador-observador, pois presencia a história, mas diferentemente do que acontece com o narrador-onisciente, não tem controle e visão sobre todas as ações e personagens; confere os fatos, mas apenas de um ângulo.
- e) Narrador-onisciente-neutro, pois relata os fatos e descreve as personagens; no entanto, não tenta influenciar o leitor com opiniões a respeito das personagens, falando apenas sobre os fatos indispensáveis para a compreensão da leitura.

2. Transtorno do comer compulsivo

O transtorno do comer compulsivo vem sendo reconhecido, nos últimos anos, como uma síndrome caracterizada por episódios de ingestão exagerada e compulsiva de alimentos, porém, diferentemente da bulimia nervosa, essas pessoas não tentam evitar ganho de peso com os métodos compensatórios. Os episódios vêm acompanhados de uma sensação de falta de controle sobre o ato de comer, sentimentos de culpa e de vergonha. Muitas pessoas com essa síndrome são obesas, apresentando uma história de variação de peso, pois a comida é usada para lidar com problemas psicológicos. O transtorno do comer compulsivo é encontrado em cerca de 2% da população em geral, mais frequentemente acometendo mulheres entre 20 e 30 anos de idade.

Pesquisas demonstram que 30% das pessoas que procuram tratamento para obesidade ou para perda de peso são portadoras de transtorno do comer compulsivo.

(Disponível em: <<http://www.abcdasaude.com.br>>. Acesso em: 1 maio 2009 (adaptado).)

Considerando as ideias desenvolvidas pelo autor, conclui-se que o texto tem a finalidade de

- a) descrever e fornecer orientações sobre a síndrome da compulsão alimentícia.
- b) narrar a vida das pessoas que têm o transtorno do comer compulsivo.
- c) aconselhar as pessoas obesas a perder peso com métodos simples.
- d) expor de forma geral o transtorno compulsivo por alimentação.
- e) encaminhar as pessoas para a mudança de hábitos alimentícios.

3. Leia o fragmento do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis:

“Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranquilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios”.

(MACHADO DE ASSIS. *A causa secreta*. In: *Machado de Assis –obra completa*. v.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. p. 513.)

A partir da análise do trecho do conto, podemos dizer que o texto classifica-se como

- a) Um texto de relato, pois transmite os fatos acontecidos com foco no acontecimento.
- b) Um texto narrativo – seu material é o fato e a ação que envolve os personagens.
- c) Um texto dissertativo, cuja principal intenção é a exposição de opiniões com a intenção de persuadir o leitor.
- d) Um texto narrativo-descritivo, pois é predominantemente narrativo com passagens descritivas.
- e) Um texto do tipo carta argumentativa, muito comum em jornais e revistas. Apresenta argumentos incisivos com intenção de influenciar ou rebater a opinião de outros leitores.

4. Considere o texto:

"O incidente que se vai narrar, e de que Antares foi teatro na sexta-feira 13 de dezembro do ano de 1963, tornou essa localidade conhecida e de certo modo famosa da noite para o dia. (...) Bem, mas não convém antecipar fatos nem ditos. Melhor será contar primeiro, de maneira tão sucinta e imparcial quanto possível, a história de Antares e de seus habitantes, para que se possa ter uma ideia mais clara do palco, do cenário e principalmente dos personagens principais, bem como da comparsaria, desse drama talvez inédito nos anais da espécie humana."

(Fragmento do livro *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo)

Assinale a alternativa que evidencia o papel do narrador no fragmento acima:

- a) O narrador tem senso prático, utilitário e quer transmitir uma experiência pessoal.
- b) É um narrador introspectivo, que relata experiências que aconteceram no passado, em 1963.
- c) Em atitude semelhante à de um jornalista ou de um espectador, escreve para narrar o que aconteceu com x ou y em tal lugar ou tal hora.
- d) Fala de maneira exemplar ao leitor, porque considera sua visão a mais correta.
- e) É um narrador neutro, que não deixa o leitor perceber sua presença.

5. Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas
entortadas. Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha,
onde nasci. Me criei no Pantanal de Corumbá entre
bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de
estarente pedras e lagartos.
Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto
meio desonrado e fujo para o Pantanal onde
sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo
que fui salvo.
Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de
gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço
coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

Manoel de Barros

Uma obra literária pode combinar diferentes gêneros, embora, de modo geral, um deles se mostre dominante. O poema de Manoel de Barros, predominantemente lírico, apresenta características de um outro gênero. Qual?

- a) Gênero épico.
- b) Gênero poético.
- c) Gênero elegíaco.
- d) Gênero dramático.
- e) Gênero narrativo.

Gabaritos

1. C

Ainda que ao longo da música seja percebido que o narrador é amigo dos personagens, no fragmento destacado pela questão, essa relação não é conhecida. A partir desses versos, então, vemos um narrador-onisciente que é capaz de observar toda a história e até fatos simultâneos ("Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar"; "Enquanto Monica tomava um conhaque").

2. D

O texto apenas expõe estatísticas e dados descritivos sobre o transtorno. Dessa forma, configura-se um texto expositivo.

3. D

O fragmento do texto de Machado de Assis apresenta passagens descritivas em que o narrador busca caracterizar as personagens e o espaço.

4. C

O relato do narrador se dá de maneira objetiva e imparcial, como está esclarecido no próprio fragmento ("Melhor será contar primeiro, de maneira tão sucinta e imparcial quanto possível,...").

5. E

É possível perceber no poema de Manoel de Barros traços narrativos: apresenta os fatos numa sequência temporal; conta uma história. Além disso, não apresenta ritmo marcado nem rimas, aproximando-se da fala.